



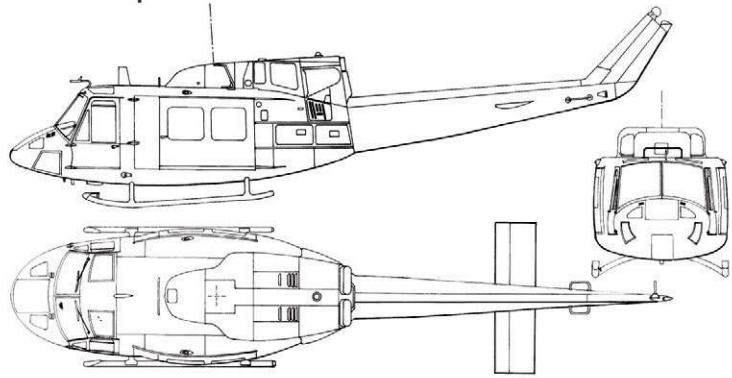
ORIENTE MÉDIO

O RETRATO DA TRAGÉDIA

Saiba mais sobre o acidente que vitimou o presidente Ebrahim Raisi e outras autoridades

O HELICÓPTERO

O presidente Ebrahim Raisi e sua comitiva voavam a bordo de um helicóptero Bell 212, de fabricação norte-americana, com capacidade para nove passageiros e dois tripulantes. O Irã teria comprado o aparelho no início dos anos 2000. As sanções internacionais têm dificultado a manutenção das aeronaves do governo iraniano. O helicóptero foi fotografado, neste domingo, ao decolar de Qiz Qalasi, na fronteira com o Azerbaijão.



Comprimento total: **17,4 metros**
Diâmetro do rotor principal: **14,6 metros**
Altura total: **4,4 metros**
Largura: **2,6 metros**

Peso vazio: **2,6 toneladas**
Peso máximo de decolagem: **5 toneladas**
Altitude máxima de voo: **5km**
Autonomia: **500km de distância**

O ACIDENTE

O helicóptero caiu na encosta de uma montanha, perto de Jolfa, na fronteira com o Azerbaijão, a 58km ao sul de Qiz-Qalasi e a 600km a noroeste de Teerã, por volta das 13h30 de domingo (7h em Brasília). O presidente Ebrahim Raisi retornava da inauguração de duas represas na província iraniana do Azerbaijão Oriental.



PROVÁVEIS CAUSAS

As autoridades investigam os fatores que levaram à queda do helicóptero. As causas mais prováveis são o mau tempo — chovia, e a forte neblina comprometia a visibilidade — e uma falha técnica. O helicóptero não tinha transponder instalado ou o aparelho que emite sinais estava desligado.

AS AUTORIDADES A BORDO



Ebrahim Raisi, presidente do Irã, 63 anos



Hossein Amirabdollahian, chanceler do Irã, 60 anos



Malek Rahmati, governador do Azerbaijão Oriental, 42 anos



Mohammed Ali Ale-Hashem, representante do aiatolá Ali Khamenei, 62 anos

Além deles, estavam na aeronave um clérigo xiita cujo nome não foi revelado; o general de brigada Mohammad Mehdi Mousavi, chefe da equipe de segurança do presidente; os pilotos coronel Mohsen Daryanush e coronel Seyyed Taher Mostafavi; e o técnico major Behrouz Qadimi.

Valdo Virgo/CB/D.A Press

Irã acelera sucessão

Conselho de Guardiães marca eleições para 28 de junho, e aiatolá Ali Khamenei oficializa o vice Mohammad Mokhber para o lugar do presidente Ebrahim Raisi, morto em acidente de helicóptero. Especialistas avaliam impacto político da tragédia

» RODRIGO CRAVEIRO

O aiatolá Ali Khamenei, líder supremo do Irã, anunciou o início do processo sucessório no país por volta das 14h de ontem (7h30 em Brasília). “Em concordância com o artigo 131 da Constituição, o vice-presidente, senhor (Mohammad) Mokhber, será o chefe do Executivo e está obrigado a cooperar com os chefes do Legislativo e do Judiciário para facilitar a eleição do novo presidente em, no máximo, 50 dias”, escreveu na rede social X.

Ao confirmar o “martírio” do presidente Ebrahim Raisi, do chanceler Hossein Amirabdollahian e de mais sete pessoas, incluindo dois pilotos, na queda de um helicóptero, perto da fronteira com o Azerbaijão, Khamenei declarou “cinco dias de luto público”. A televisão estatal iraniana divulgou que líderes do Poder Judiciário, do governo e do Parlamento aprovaram, em reunião, o calendário eleitoral. “Segundo o acordo inicial do Conselho de Guardiães, decidiu-se que a 14ª eleição presidencial será realizada em 28 de junho.”

Procissões fúnebres em homenagem a Raisi, morto aos 63 anos, serão realizadas em várias cidades. A partir de hoje, o corpo será recebido em Tabriz, próximo ao local do acidente. Amanhã, será a vez de Teerã despedir-se do líder ultraconservador, que será sepultado na quinta-feira, em Mashhad, sua cidade natal. “A nação iraniana perdeu um servo sincero e valioso”, declarou Khamenei, de quem Raisi era considerado um potencial sucessor. O helicóptero Bell 212 perdeu contato na tarde de domingo, quando atravessava uma área montanhosa, próximo à fronteira com o Azerbaijão, em meio a muita

Atta Kenare/AFP



Iranianos se reúnem na Praça Valiasr, no centro de Teerã, para chorar a morte de Ebrahim Raisi e do chanceler Hossein Amir-Abdollahian

neblina e chuva. Os destroços do aparelho somente foram encontrados 16 horas depois. O Irã instaurou inquérito para determinar as causas do acidente.

Chefes de Estado e de governo prestaram suas condolências a Teerã. O papa Francisco transmitiu seus pêsames a Khamenei e reafirmou sua “proximidade espiritual” com o Irã. O líder russo Vladimir Putin, chamou Raisi de “político notável”. O brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva contou que soube da confirmação da morte do iraniano “com pesar”. “Minhas condolências aos familiares de todas as vítimas, ao governo e ao povo iraniano.”

A reação mais polêmica veio dos EUA. O porta-voz da Casa Branca, John Kirby, destacou que

Raisi “era um homem com as mãos manchadas de sangue” e responsável por abusos “atrozes” dos direitos humanos. O governo de Joe Biden confirmou um pedido de ajuda do Irã para encontrar o helicóptero, no domingo.

Mahjoob Zweiri, professor de política contemporânea do Oriente Médio da Universidade do Catar, afirmou ao **Correio** que Raisi era considerado um “líder peso-pesado”. “Foi o chefe do Judiciário e um dos principais nomes para suceder Khamenei. Era proeminente na elite política do país. A morte de Raisi significa muito para o regime, especialmente em um tempo em que são poucos os potenciais candidatos conservadores para as eleições”, disse.

Segundo Zweiri, a personalidade mais cotada para ser eleita presidente, em 28 de junho, é Ali Larijani, ex-líder do Parlamento. “Larijani faz parte da ala conservadora. O sucessor de Raisi representará o continuísmo.” Ali Alfoneh, analista do Instituto dos Estados Árabes do Golfo (em Washington), aposta que o aiatolá tentará encontrar alguém “tão maleável, ineficiente e dócil quanto Raisi”. “A lista inclui o pragmático Mohammad Bagher Ghalibaf, ex-presidente do Parlamento, ou Larijani. Também fazem parte dela os ex-presidentes Mahmud Ahmadinejad e Hassan Rouhani”, explicou ao **Correio**.

Para Majid Rafizadeh, cientista político da Universidade de Harvard, a queda do helicóptero

de Raisi marcou um “momento histórico no Irã”. “O evento ocorre em um momento de considerável tensão na região e na dinâmica política interna. A elevação de Mokhber à presidência deve garantir a continuidade da governança, mas também sublinha a influência do aiatolá na estrutura política do Irã”, lembrou.

No domingo, as autoridades reforçaram a segurança nas principais cidades do Irã. Taghi Rahmani, 64, marido da ativista e prisioneira política Narges Mohammadi — ganhadora do Prêmio Nobel da Paz — disse ao **Correio** que o risco de protestos é “muito baixo”. “É algo complicado de prever. Com certeza, vocês devem ter visto os fogos de artifício e a alegria do povo.”

Eu acho...

Fotos: Arquivo pessoal



“Ebrahim Raisi era muito mencionado para ser o próximo aiatolá. Não acredito que os nomes para substituir Ali Khamenei sejam importantes nesse momento. A escolha de um sucessor será dominada e influenciada pelas circunstâncias do regime teocrático islâmico. Será preciso avaliar o quanto o regime estará isolado ou estável. Isso determinará quem será o futuro Líder Supremo.”

Mahjoob Zweiri, professor de política contemporânea do Oriente Médio da Universidade do Catar



“Raisi fazia parte da Velayet Faghi, a tutela do sistema jurídico islâmico do regime. Antes de ser presidente, foi chefe do Judiciário. Sob seu reinado sangrento, ele executou milhares de prisioneiros políticos. No entanto, sua morte em nada mudará as políticas doméstica ou externa do Irã.”

Taghi Rahmani, 64 anos, jornalista iraniano, marido de Narges Mohammadi, ativista laureada com o Nobel da Paz em 2023



“Não haverá impacto sobre as relações diplomáticas ou o programa nuclear iraniano. Temas estratégicos são dirigidos pelo Conselho Supremo de Segurança Nacional. O fator que impactará o programa nuclear de Teerã será as eleições nos EUA, em novembro.”

Ali Alfoneh, analista do Instituto dos Estados Árabes do Golfo (em Washington)

Corte de Haia pede mandados de prisão de Netanyahu e de líderes do Hamas

O procurador do Tribunal Penal Internacional (TPI), Karim Khan, anunciou que solicitou a emissão de mandados de prisão contra o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, e três líderes do movimento palestino Hamas, por supostos crimes de guerra e crimes contra a humanidade. Após mais de 200 dias de guerra entre Israel e Hamas, o procurador do tribunal com sede em Haia informou, em um comunicado, que apresentou pedidos para ordens de prisão contra Netanyahu e seu ministro da

Defesa, Yoav Gallant, por crimes como “matar deliberadamente os civis de fome”, “homicídio doloso” e “extermínio e/ou assassinato” na Faixa de Gaza.

“Afirmamos que os crimes contra a humanidade acusados foram cometidos como parte de um ataque generalizado e sistemático contra a população civil palestina, para cumprir uma política de Estado. Segundo as nossas conclusões, alguns destes crimes continuam sendo cometidos”, declarou Khan, em referência a Netanyahu e Gallant. “Como primeiro-ministro



Benjamin Netanyahu, premiê de Israel: “Como primeiro-ministro de Israel, rejeito com desgosto”

de Israel, rejeito com desgosto” a comparação do procurador de Haia entre Israel, uma nação “democrática” e “os assassinos em massa do Hamas”, reagiu Netanyahu, cujo país não faz parte do TPI. O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, criticou duramente a decisão, que também chamou de “escandalosa”.

As acusações contra os dirigentes do Hamas, entre eles Yahya Sinwar, líder do movimento islamista em Gaza, incluem “extermínio”, “estupro e outras formas de violência sexual” e “tomada

de reféns como crime de guerra” em Israel e em Gaza. A medida também afeta Mohamed Al Masri, mais conhecido como “Al Deif”, chefe das brigadas Ezzeddin al Qasam, o braço militar do Hamas, e Ismail Haniyeh, líder do gabinete político do movimento palestino. O Hamas condenou a decisão e criticou “as tentativas do procurador do Tribunal Penal Internacional de equiparar a vítima com o carasco, ao ditar ordens de prisão contra diversas autoridades da resistência palestina”.